

DA PRESENÇA DOS ROMANCES EM FORTALEZA DO OITOCENTOS: CIRCULAÇÃO, COMÉRCIO E SINTONIA

Ozângela de Arruda SILVA¹

RESUMO: Para esse texto, destacaremos a circulação de romances em Fortaleza na segunda metade do século XIX. Por meio das estratégias entre os livreiros, editores e jornais apresentaremos tanto as formas de divulgação dos romances aos leitores da cidade quanto as sociabilidades entre os comerciantes de livros.

Palavras-chave: Livreiros; Romances; Fortaleza.

ABSTRACT: For this text, we'll highlight the movement of novels in Fortaleza in the second half of the nineteenth century. Through the strategies among booksellers, publishers and newspapers we'll present the forms of dissemination of the novels to readers of the city and the sociability among traders of books.

Keywords: Booksellers; Novels; Fortaleza.

1. A cidade, as transformações da modernidade e a circulação de livros

Ao observar os lugares de venda de livros, os livreiros e a circulação das obras também é necessário entender a cidade e suas transformações no decorrer das últimas décadas do Oitocentos e as relações da sociedade com o gênero naquele período.

Como se sabe, o século XIX, principalmente a segunda metade, está marcado pelas grandes transformações que aceleraram o cotidiano das cidades. Um agrupamento de fatores, dentre eles o crescimento urbano-comercial atrelado ao novo momento do capitalismo promoveu, entre outras coisas, uma expansão do processo de integração mundial por meio do desenvolvimento de novas técnicas. Entre as décadas de 1840 a 1870 as mais remotas partes do mundo estavam interligadas pela chamada tríade dos meios de comunicação: navio a vapor, telégrafo e estradas de ferro (Hobsbawm, 2001). As transformações, advindas da expansão do comércio e dos meios de comunicação, alargavam a possibilidade de circulação de livros. Tais mudanças se atrelavam a um crescimento demográfico, a emergência da classe média e a formação de um grupo de trabalhadores urbanos, conseqüentemente esse novo cenário estabelecia um aumento no percentual de pessoas com um maior perfil de consumo e um desenvolvimento nas relações de instrução e alfabetização, acarretadas pelos ideais de civilidade e modernidade. Mesmo atingindo diversas áreas de maneira desigual, tal processo

¹ Mestranda da Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem –

facilitou o escoamento de mercadorias. Com isso, juntamente às remessas de produtos, os livros enquanto objetos comerciais passaram a escoar de forma mais rápida e em maior quantidade por diversas alfândegas e estações ferroviárias.

Outro fator fundamental para o alargamento da circulação de livros no Oitocentos foi o processo de popularização da leitura que, ao longo do XIX, por meio de técnicas de barateamento da produção das obras, atrelado ao contexto comercial do período, expandiu a publicação de um maior número de edições de baixo custo. O alargamento na produção e circulação das obras, no Brasil com maior intensidade nas três últimas décadas do século, apresentava novas possibilidades aos livreiros e aos leitores. De uma forma geral, a idéia de popular ou popularização não se restringia a um projeto de publicações para um público específico. O desafio dos empreendimentos editoriais oitocentistas era popularizar os livros por meio da utilização de materiais baratos, ou seja, era a popularização da materialidade que compunha a obra. Na década de 1870, muitos romancistas, renomados na época, foram editados a um preço módico em brochuras ou coleções. No Brasil, em meio a outros projetos, estava o caso da coleção *Biblioteca da Algibeira*, que levava ao público a edição barata de dezenas de romancistas franceses por meio do projeto do livreiro-editor B. L. Garnier. De acordo com Alessandra El Far “os editores cariocas não esperavam restringir o consumo dessas publicações [baratas] a um grupo consumidor em particular”. E ainda, “não pretendiam delimitar um rol de temas ou de autores” (El Far, 2004, pp.84-85). Os editores editavam de tudo e dentre os gêneros de maior sucesso estavam os romances, juntamente com manuais de utilidade prática, os livros infantis e as histórias em folhetos.²

2. Os romances, os jornais e os livreiros

Os romances tiveram grande repercussão no país na década de 1870 e não foi diferente em Fortaleza. A aparição constante dos títulos de romances nas seções dos jornais sinaliza para uma aceitação do público e/ou uma preocupação dos redatores em informar a seus leitores sobre as novidades publicadas para além da província. As indicações de leituras de prosa ficcional poderiam ser encontradas com facilidade em algumas seções dos jornais:

IEL/UNICAMP. Projeto orientado pela Profª. Dra. Márcia Abreu.

² Para esse ponto é interessante pensar que o romance, enquanto gênero moderno, surgiu em meio às modificações econômicas e sociais verificadas na Inglaterra do século XVIII e seguiu a trilha das mudanças históricas. Já no século XIX, em meio a um cenário de desenvolvimento das cidades, das transformações da sociedade moderna e da expansão do capitalismo o gênero obteve um aumento gradual em sua circulação no Brasil.

tanto nas páginas do noticiário, quanto nas grandes listas de livros veiculadas na seção de anúncios. Os livreiros, manuseando suas várias estratégias comerciais, utilizavam os jornais como uma espécie de catálogo para a exposição e venda de livros, e, com maior frequência, preferiam dar destaque aos romances. Além disso, a interação com livreiros do Rio de Janeiro e da Europa propiciavam uma sintonia de vendas. As mudanças obtidas pelo novo momento das comunicações facilitavam o acesso às obras e tornavam o comércio das letras mais dinâmico.

Na segunda metade do século XIX, os compradores de livros de Fortaleza podiam ter acesso aos últimos lançamentos devido à interação mantida por livreiros locais com vendedores de livros e editores de outras regiões, demonstrando, afinal, a conexão existente entre a capital do país, as províncias e alguns países da Europa. Nesse contexto, circularam muitos títulos de Enrique Perez Escrich, Paul de Kock, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Verne e Zola, além de Camilo Castelo Branco, Julio Diniz, Alencar, Macedo dentre outros, alguns bastante conhecidos na atualidade e outros esquecidos no decorrer das décadas. A historiografia cearense alerta sobre a vasta leitura de obras de Buckle, Taine, Spencer, Comte pelos intelectuais ligados às agremiações científicas e literárias do período, entretanto, tal bibliografia não impediu a ampla circulação de obras de prosa ficcional, na verdade, os vários gêneros circulavam mutuamente e os anúncios davam destaque ao gênero ficcional.

Através da seção *Noticiário*, como exemplo, os leitores do jornal *Cearense* ficavam a par dos acontecimentos noticiados no resto do país e na Europa. Dentre essas novidades estavam as indicações de autores e de publicações. Ao observar a década de 1870, vê-se que nos anos de 1874 a 1877, o *Cearense* informava aos seus leitores sobre as várias “doações de obras”, cedidas “cordialmente” àquele jornal, pelo “infatigável editor” B. L. Garnier. O editor enviava algumas obras de religião e poesia, entretanto a menina dos olhos para aquelas doações era a divulgação das publicações de ficção. Nos quatro anos citados, B. L. Garnier enviou vários romances, dentre esses algumas publicações da coleção *Biblioteca da Algibeira*. Em 1873, o livreiro lançou uma coleção popular de vinte volumes, com o propósito de arrebanhar compradores e leitores através de traduções de autores franceses por um preço módico. O empreendimento de popularização da leitura através das coleções populares, comum em Portugal, disponibilizava ao público consumidor exemplares baratos de um mesmo gênero, no caso da *Biblioteca da Algibeira*, a publicação de romances. Com essa coleção, Garnier concentrara-se nas traduções dos romancistas franceses, embora não tenha deixado de publicar as letras brasileiras em outros empreendimentos paralelos. (Hallewell,

1985; El Far, 2004)

Em 1874, B. L. Garnier enviou ao *Cearense* os romances: *O marido de Margarida*, Xavier de Montepin; *A terra das peles*, Júlio Verne; *Cinco semanas em balão*, Júlio Verne; *A condessa de Nancey*, Xavier de Montepin; *O amante de Alice*, Xavier de Montepin; *O Bigamo*, Xavier de Montepin; *O patriota ou Os bandeirantes*, G. Frery (duas vezes); *Os vadios de Pariz*, Gontran Borys; *Lucia, Historia de uma mulher perdida*, Arséne Houssaye; *Noventa e três*, Victor Hugo; *Vinte mil leguas submarinas*, Júlio Verne; *Da terra á lua*, Júlio Verne; *A Viscondessa Alice*, Alberic Second e *Aventuras de Tres Russos e Tres Inglezes*, Júlio Verne.³ Em 1875, o livreiro-editor doou: *O Dr. Ox*, Júlio Verne; *Mademoiselle de Maupim*, Th. Gauthier; *Mlle. Clopatra*, Arséne Houssaye; *Ubirajara*, José de Alencar; *Senhora* – perfil de mulher, José de Alencar; Seis novellas de Th. Gauthier; *O Abandonado*, 2ª parte da *Ilha Misteriosa*, Júlio Verne; *Romance da Duquesa*, Arséne Houssaye e *O sertanejo*, José de Alencar. No ano seguinte enviou: *Mariposas*, Edmundo Frank; *O segredo da ilha*, Júlio Verne; *Papae, mamãe e nenê*, Gustavo Droz; *O sertanejo*, José de Alencar; *Helena*, Machado de Assis e *Miguel Strogoff ou O correio do Czar*, Júlio Verne. Em 1877, encerra esse período de doações de romances com: *Miguel Strogoff ou O correio do Czar*, Júlio Verne, 2º vol; *Mauricio ou Os paulistas em São João d'El Rei*, Bernardo Guimarães e *Romance da mulher que amou*, Arséne Houssaye.

Nos quatros anos citados, Julio Verne é o romancista que mais aparece, com nove títulos doados, seguido por Xavier de Montepin e Arséne Houssaye, com quatro títulos cada um, e José de Alencar, com três títulos enviados. Essas publicações, de autores reconhecidos e bastante lidos no período, passavam a ser de conhecimento dos leitores do jornal *Cearense*, que as anunciava em suas páginas. Pensando o jornal como um espaço de divulgação e circulação de idéias, as publicações recebidas pela redação sinalizam para a ação do jornal em trazer informações sobre os romances e coleções lançadas naquele momento pelo editor. A ação de envio das obras não pode ser pensada somente como uma doação, pois, ao enviar as obras, o editor divulgava seus últimos lançamentos fazendo circular em outras províncias notícias de seus empreendimentos editoriais. O jornal, por sua vez, integrava-se às redes de sociabilidade do afamado editor Garnier, apresentava as obras para seus leitores e procurava se legitimar como “leitor crítico” apto a indicar leituras.

A satisfação com a qual os redatores do *Cearense* recebiam as obras doadas por

³ Ao apresentar as obras, optamos por sempre escrever os títulos na grafia encontrada nos jornais.

Garnier é perceptível nos comentários e agradecimentos contidos no noticiário. Ao receber as obras - o *Novo Methodo para aprender a ler, escrever e fallar a lingua franceza em 6 mezes*, o *Diccionario inglez portuguez* por Waldez, o *O Dr. Ox* por Jules Verne, *Mademoiselle de Maupim*, Th. Gauthier e *Alvoradas*, volume de poesias do jovem Lúcio de Mendonça – o jornal derrama seus agradecimentos ao Sr. Garnier:

A publicação de semelhantes livros, sobre assumptos tão diversos, denota o gosto que se vae desenvolvendo em nosso paiz pelas letras e pelo estudo das litteraturas estrangeiras.

O Sr. Garnier, não poupando esforços para dar pastos á aridez da fecunda intelligencia de nosso publico, tem-se revelado perspicaz na escolha das obras e do traductor.

Os volumes, que nos farão remetidos, continuão a serie de publicações preciosas com que tem presentiado o nosso publico.

Faltando-nos a competência para revelar o grande serviço prestado pelo infantigavel editor ás letras pátrias, temos o dever de, ainda uma vez, lançar o nosso protesto de gratidão ao labor meritório do Sr. Garnier. (*Cearense*, Fortaleza, 11 abr. 1875, nº 28, ano XXIX, p.2)

Embora houvesse, de fato, elogios às ações do livreiro-editor, esse tipo de manifestação não se restringia somente ao Sr. Garnier. O termo “infatigável editor” era uma designação comum nos textos do jornal. O Sr. Serafim José Alves, Sr. Dupont e David Corrazi, por exemplo, foram agraciados pela redação com o mesmo elogio. Ao receber doações de livros, revistas e jornais, o *Cearense* corriqueiramente fazia apreciações sobre os autores, apresentando a obra e agradecendo pelo impresso doado. Entretanto, o material submetido ao jornal não chegava apenas pelas mãos dos livreiros e editores, já que os próprios autores enviavam seus exemplares à redação do *Cearense*. Em maio de 1874, o jornal informava o recebimento do “mimoso romance *O ninho do beija-flor* de Tristão de Alencar Araripe Júnior, atual juiz municipal de Maranguape”. Um ano depois anunciava:

Jacina, a Marabá. – Com este titulo acaba de sahir do prelo mais um romance do Sr. Araripe Junior.

A acção do romance que passa-se no seculo 16 nas terras do sul do Brazil é bem desenvolvida. Distinguem-se scenas verdadeiramente interessantes, episodios levados. As descripções são vivas faceis. O estylo tem merito incontestavel; o author procurou sobre tudo accommoda-lo aos diversos personagens e ephocas de seu livro, e não foi mal succedido nesse intento.

O publico tem dispensado a nova produção do Dr. Araripe Junior bom acolhimento. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido. (*Cearense*, Fortaleza, 20 maio 1875, nº 39, ano XXIX, p.2)

Ao receber as doações, o jornal fazia uma espécie de comentário/crítica sobre as obras,

segundo eles uma “revista crítica”. Para Araripe Júnior, o *Cearense* indicou o período de publicação, teceu considerações sobre o texto, no qual via uma ação bem desenvolvida, cenas interessantes e um estilo de mérito e informou sobre a recepção do livro, alertando aos possíveis leitores que a obra teve boa aceitação na cidade.

Algumas vezes, o *Cearense* reproduzia textos publicados em jornais da corte, como ocorreu em 1874, quando divulgou uma nota publicada pelo jornal *Republica*, do Rio de Janeiro, a qual comunicava o aparecimento de “mais um importante romance de Victor Hugo” saído pela tipografia Clave de Paris. O informe comentava, ainda, o término da impressão do *Noventa e três*, cujos três volumes iriam aparecer “simultaneamente em todas as linguas e em todas as capitaes: em Londres, Nova York, Roma, Madrid, Vienna, S. Petersburgo etc. no mesmo dia que em Paris”. (*Cearense*, Fortaleza, 04 jan. 1874., nº 2, ano XXVIII, p.2)⁴

O jornal estava em sintonia também com o movimento livreiro local, pois suas páginas abrigavam também propagandas dos livreiros instalados em Fortaleza, servindo, nessa perspectiva, como uma espécie de “catálogo” para uma possível compra de livros. Vê-se no jornal *Cearense* da década de 1870 que o livreiro Joaquim José de Oliveira atentava-se a todas as possibilidades de boas vendas. Percebendo, talvez, o espaço dado às publicações enviadas por Garnier para o jornal e a apreciação e indicação do jornal para essas obras, o Sr. Oliveira recorreu ao *Cearense* para divulgar as novas aquisições feitas por sua livraria, deixando os possíveis compradores e leitores inteirados das novas publicações disponíveis no estabelecimento. Algumas vezes, a propaganda de Garnier e de Oliveira irmanavam-se, como ocorreu em junho de 1875, quando o jornal anunciou a doação de *Ubirajara*, *Senhora* e *Dia de São Nunca*, obras oferecidas por B. L. Garnier, e, ao final da notícia, informou que “os nossos leitores não perderão seu tempo em dedical-o a leitura d’essas obras, alias ligeiras e pouco existensas [sic], que se encontram à livraria do Sr. J. J. de Oliveira”. (*Cearense*, Fortaleza, 06 jun. 1875, nº 44, ano XXIX, p.2)

A ligação direta entre a apreciação do jornal e a obra doada legitimava e propagandeava o acervo da livraria, que estava em consonância com as doações. Assim, além de apresentar as obras existentes em seu estabelecimento através da seção *Annuncios*, o Sr. Oliveira usufruía, indiretamente, dos comunicados de obras recebidas pelo jornal na seção *Noticiário*, onde se divulgavam os livros recebidos. Como um bom comerciante, J. J. de Oliveira acompanhava as publicações realizadas na capital do Império e com frequência

⁴ O Sr. Garnier também publicou o romance *Noventa e três* e escoou sua produção para o Ceará, enviando a

renovava seu estoque. Em setembro de 1875, vê-se o romance *Ubirajara* também na lista de livros chegados “pelo último vapor” para a sua livraria. Dessa forma, três meses após o jornal anunciar que as obras poderiam ser encontradas no estabelecimento de Oliveira, o livreiro renovou os pedidos para *Ubirajara*, possivelmente porque os exemplares de junho tinham sido vendidos ou pelo menos bem apreciados pelo público. E não foram somente esses os títulos adquiridos pelo livreiro.

Seguindo as trilhas de doações de B. L. Garnier, J. J. de Oliveira levou para Fortaleza, em sua lista de “obras recém-chegadas”, os romances *O sertanejo* e *Mariposas*. Em dezembro de 1875 Garnier doou *O sertanejo* e, um mês depois, o Sr. Oliveira informava em anúncio o recebimento da obra. Nesse ritmo, chegou a Fortaleza *Mariposas* de Edmundo Frank, oferecido ao jornal em janeiro de 1876 e presente na livraria do Sr. Oliveira em março do mesmo ano. Para além das doações de Garnier, o Sr. J. J. de Oliveira levou para capital da Província do Ceará, “pelo último vapor”, diversos títulos de prosa ficcional que compuseram o estoque de sua livraria no decorrer dos anos. As relações de Oliveira com a Corte vinham já de muitos anos. Na década de 1840, era editor do jornal *Pedro II*, o qual era produzido, como consta em artigo da Revista do Instituto do Ceará, em sua própria casa, localizada na esquina do sexto quarteirão da Rua da Boa Vista. Segundo Cruz de Abreu, como editor do *Pedro II*, em 1850, foi incumbido de viajar ao Rio de Janeiro a fim de comprar alguns materiais tipográficos para o jornal. No seu retorno, em 17 de junho de 1850, trouxe em suas malas não só o material tipográfico que fora escolher, como também um bom número de impressos. O autor afirma que:

[J. J. de Oliveira] trouxe grande quantidade de novellas, traduzidas de autores francezes, e contos infantis, romances de alta cavallaria, comedias e dramalhões, muitos ao sabor literário da gente que lia. E não era minguado o numero de leitores; quase todos os portuguezes bem installados então no commercio de Fortaleza amavam o dramalhão, devoravam os livros bregeiros de Paulo de Kock e sabiam de cor o complicado enredo dos alentados romances de Alexandre Dumas. (Abreu, 1922, p.34)

A capital do Império deixou o Sr. Oliveira encantado com o comércio das letras. Resolveu trazer em sua bagagem um pouco do que ele possivelmente achava que seria bem-vindo aos leitores que “devoravam os livros bregeiros de Paulo de Kock e aos que sabiam de cor o complicado enredo dos alentados romances de Alexandre Dumas”, dentre tantos outros

impressos. Embora Cruz de Abreu não comente as causas das “compras extras” realizadas durante a viagem, provavelmente o Sr. Oliveira já vinha sondando o comércio livreiro da cidade. Há possibilidade de o editor do jornal *Pedro II* ter percebido, antes da viagem, que havia realmente um público consumidor para esse material. Seus conterrâneos apresentavam-se como possíveis clientes para o comércio das letras, já que, segundo o autor, “quase todos os portugueses bem installados então no commercio de Fortaleza amavam o dramalhão”. Por trabalhar no jornal, Oliveira poderia ter contato, por exemplo, com anúncios de vendas de impressos, com uma procura por subscrições, com uma carência de espaços formais para a venda de livros na cidade, dentre outras tantas possibilidades.

Ademais, dois anos antes de J. J. de Oliveira viajar para a capital do Império, um comerciante português, Manoel Antônio da Rocha Júnior, separava uma seção da sua loja de variedades para a venda e aluguel de livros. Em 1848, o Sr. Rocha Júnior publicou no jornal *Cearense* sete anúncios de livros à venda em sua loja na rua Formosa, informando que possuía “excellentes obras”, “obras de direito”, “história particular”, “educação, instrução e recreio da mocidade”, além de “novellas e romances” e “romances de Paulo Kock”. O Sr. Rocha Júnior oferecia as seguintes “novellas e romances”: *Os Mystérios de Pariz* por E. Sue – *Os Mystérios de Londres* – *Os Mystérios do castello d’Udolfo* – *Nossa Senhora de Pariz* por V. Hugo – *Corina ou a Italia* – *Delfina* por Madame Stael – *Melina e Cerean* – *Pamella Andrews ou a virtude recompensada* – *Quintino Durward* por Walter Scott – *Aventuras de Robisson Crusoe* – *Historia de Gil Braz de Santilhana* – *Historia de Estevinho Gonsalves* – *Historia de Carlos Magno, e dos doze pares de França* – *Aventuras de Bertoldo, Bertoldinho e Cascasseno* – *Aventuras do Cavalheiro de Faublas* – *Os Incas do Perú* – *A viuva ou o Epitáfio* – *Affonso de Laudeve* – *Huma só paixão* – *Jornada as Caldas*. Um mês depois, reservava outro anúncio inteiro para obras de ficção, optando, dessa vez, por oferecer apenas obras de Paulo de Kock: *O Homem dos tres calções, ou a republica, Império, e Restauração* – *Gustavo, ou a boa peça* – *O Sr. Dupont* – *Meu vizinho Raimundo* – *Sem gravata, ou os Moços de recados* – *Andre o Saboiano* – *O Coitadinho* – *A casa branca* – *Robineau e Fifina* – *O Marido a Mulher, e o Amante* – *O Bigode* – *A Donzella de Belleville* – *A Familia Gogô* – *O Barbeiro de Pariz* – *O Homem da Natureza* – *Este Senhor* – *Georgeta, ou a Sobrinha do Tabelião* – *A Leiteira de Mont fermeil* – *O Filho de minha mulher Magdalena*.

Embora em 1848 o Sr. Rocha Júnior anunciasse apenas a venda das obras, no ano seguinte, em 1849, informou que em sua loja havia também a prática de aluguel de livros, mediante, claro, algumas condições:

Leitura de livros.

Na loja de Manoel Antonio da Rocha Junior, na rua Formosa, alugão-se livros, debaixo das condições seguintes:

1º Pagarão mensalmente 2\$000 por assignatura, pagos adiantados.

2º Deixarem depositado o valor da obra.

3º Responsabilisarem-se pela danificação que os livros soffrerem. (*Cearense*, Fortaleza, 18 jun. 1849, n.º 246, p.4)

Inicialmente, salta aos olhos no anúncio a expressão “leitura de livros”, utilizada pelo vendedor a fim de chamar atenção aos interessados pelo assunto. Após fisgar os leitores que possivelmente distraídos folheavam o jornal, o Sr. Rocha Júnior enumerava suas condições de empréstimo: uma mensalidade fixa, um depósito de garantia e a responsabilidade pela obra. Mediante as condições estabelecidas, os livros poderiam ser retirados. O texto do anúncio não revela as obras disponíveis naquele momento, no entanto, os anúncios anteriores de venda de obras sinalizavam para um acervo de prosa ficcional diversificado. Poder-se-ia encontrar, desde 1848, na loja do Sr. Rocha Junior, romances antigos considerados formadores do gênero “romance moderno” como: *Pamela Andrews ou a virtude recompensada* de Samuel Richardson, publicado em 1740 e *Aventuras de Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, publicado em 1719. Outro título de publicação antiga é *Historia de Carlos Magno e dos doze pares de França*, que circulou no Brasil desde final do século XVIII. Tais obras compunham o acervo anunciado por Rocha Júnior juntamente com publicações do período, como, por exemplo, o *Mysterios de Paris* do folhetinista francês Eugène Sue, publicado em 1844, quatro anos antes do anúncio. Para os interessados em publicações folhetinescas, Rocha Júnior oferecia um anúncio de dezenove títulos de Paulo de Kock, possivelmente, ao gosto do público que “devorava os livros bregeiros de Paulo de Kock”, citado anteriormente por Cruz de Abreu ao falar sobre a viagem de J. J. de Oliveira ao Rio de Janeiro. Oferecendo publicações antigas e recentes ao período à venda ou ao aluguel, o Sr. Rocha Junior disponibilizava aos leitores de Fortaleza um conjunto de títulos variados, adequado tanto para aqueles que apreciavam textos antigos, bem como para os leitores da escrita folhetinesca de Sue ou Kock. Assim, os leitores que moravam em Fortaleza podiam manter antigos gostos, mas também podiam estar em sintonia com as publicações recém saídas dos prelos cariocas, logo disponíveis em Fortaleza.

No balanço da livraria de Joaquim José de Oliveira, feito em dezembro de 1870, há cinco exemplares de *Os franceses no Rio de Janeiro* de Moreira de Azevedo, publicado em 1870. A mesma simultaneidade acontece com *Til* de José de Alencar, vindo à luz em 1872, e

Ressurreição de Machado de Assis, anunciados no jornal *Pedro II* de 1872 e presentes na lista de livros recém chegados à livraria do Sr. Oliveira. Além dessa concomitância na circulação dos lançamentos, o Sr. Oliveira mantinha contatos diretos com livreiros, editores e autores. É possível perceber, no balanço da livraria, as relações de consignação existentes em seu acervo. Oliveira disponibilizava obras vindas das mãos de B. L. Garnier, Antonio G. Guimarães & C.^{ia}, Carlos Hardy, E. & H. Laemmert, Cruz Coutinho, Fouchau Dupont, José Martins Alves, José de Alencar, Juvenal Galeno, dentre outros. O acervo da livraria J. J. de Oliveira & Cia era bem diversificado e, dentro dessa diversidade, havia um fluxo de romances. Por meio das consignações, em dezembro de 1870, o Sr. Oliveira possuía, por exemplo, vindos das mãos de B. L. Garnier, cinco exemplares de *A loba* de Paul Féval, por \$783 réis, e quatro *Homens do mar* de Victor Hugo, por 2\$250. Para os consumidores que não tinham tantos réis em suas algibeiras, o Sr. Oliveira disponibilizava, por consignação de “Ignacio Fran.^{co} dos Santos & C.^{ia}”, cento e três *Roberto do diabo*, por \$280 réis, e vinte e dois *João de Callais*, por \$240. O próprio romancista Alencar também negociava duas obras por consignação. Do “conselheiro José de Alencar” são inventariados um *Verso e reverso*, por \$700 réis, e cinco *Cartas sobre a confed.^{am} dos tamoyos*, por \$800 réis. No entanto, além das consignações, o Sr. J. J. de Oliveira possuía outro grupo de obras. Em seus “livros de conta própria” havia outros títulos do romancista: três *Diva*, um *Luciola*, um *Cinco minutos* e dois *Guarany*. Se, naquele momento, o público poderia comprar algumas obras de Alencar na livraria Oliveira, os leitores de Macedo e Camilo Castelo Branco escolhiam, respectivamente, entre 15 e 12 títulos dos seus autores preferidos, somando um total de 60 e 23 exemplares disponíveis, respectivamente.

Entretanto, pelo fato de o balanço da livraria constituir apenas um momento do acervo, possivelmente alguns romances vendidos pelo livreiro ficaram à margem da listagem. No vai-e-vem das vendas e novas aquisições da livraria, percebe-se que, por exemplo, o romancista espanhol Enrique Perez Escrich ficou de fora do balanço de 1870, porém, em 1876, juntou-se aos autores com vários títulos disponíveis na livraria. Atualmente Escrich é um autor pouco conhecido, no entanto, foi bastante lido no século XIX, no Brasil e fora dele. Em Fortaleza, em 1876, Oliveira anunciou dezoito “obras chegadas a livraria de J. J. de Oliveira & Cia”, dentro do anúncio, o livreiro destaca oito obras “do romancista Enrique Perez Escrich”.⁵ O

⁵ Obras de Henrique Peres Escrich apresentadas no anúncio: *A mãe dos desamparados*; *A perdidos da mulher*; *A esposa Martyr, continuação da mulher adúltera*; *A calúnia, paginas da desgraça, continuação da Esposa Martyr*; *O cura de aldeia*; *A caridade christã segunda parte do Cura de aldeia*; *Casamentos do diabo*; *Obras de*

modo de compor o anúncio pressupõe um interesse do livreiro em dar destaque aos títulos que estão separados por autor, dentro do conjunto das outras obras. Observa-se que os oito títulos em separado indicam uma estratégia de venda do livreiro que, percebendo a boa circulação do autor na cidade, fisga os possíveis compradores dando destaque a um romancista popular no momento.

Vê-se, assim, que os leitores e compradores de livros de Fortaleza podiam ter acesso aos últimos lançamentos publicados, devido à interação mantida por livreiros locais com vendedores de livros e editores de outras regiões, demonstrando a conexão existente entre a capital do país e as províncias.⁶ Ademais, observa-se que em meio às leituras científicas e positivistas, em voga no período, os romances ocupavam cada vez mais um lugar de destaque nos espaços de venda de impressos. A observação dos romances, por meio das livrarias, propicia a percepção das ofertas a partir das quais os leitores oitocentistas poderiam fazer suas escolhas.

REFERÊNCIAS

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz / USP, 1985.

HOBBSAWN, Eric J. **A era do capital 1848-1875**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra: 2000.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

misericórdia.

⁶ Para esse texto apresentamos a interação dos livreiros de Fortaleza apenas com o Rio de Janeiro, entretanto sabemos que o contato comercial era muito mais extenso. Nossa pesquisa também verificou uma troca além-mar de livros chegados por meio de navios saídos dos portos da Antuérpia, Hamburgo, Liverpool, Havre, Lisboa e New York.